



Director literario:

*Atzupbes*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*duarcolle*  
PAPUSSE

## O BORDALINHO BRANCO

■

POR  
JOSÉ  
RODRI  
GUES  
CER  
CAS  
JÚ  
NIOR

■

DE  
SE  
NHO  
DO  
AU  
TOR

■

**P**ARECIA de inverno aquélla manhã outonal. O sol era pouco intenso, para refazer a Natureza da neve que caíra durante a noite.

Raulzinho, que ia buscar lenha, caminhava, a tiritar, com as mãos nas algibeiras e um baracito ao hombro.

Entretanto, uma sede imensa o devorava. O pequeno dirigiu-se, então, a uma fontezinha, que ficava perto da estrada. Bebeu, porém, muito pouco, pois a água estava frigidíssima.

Súbitamente, Raul maravilhou-se:

—Via um minúsculo peixinho, branco como a neve, e, quasi transparente, dando imensas voltas no fundo da fontezinha.

Momentos depois, o peixinho, chegou à superfície da água, e transformou-se numa formosa menina que, docemente, falou a Raulzinho, dizendo-lhe:

—Eu sou a fada dos peixes pequeninos, como os que vês nesta fontezinha. Vim hoje visita-los, e dei por falta de um bordalinho que, talvez, fosse pelo ribeirinho abaixo.

Raul foi percorrendo cuidadosamente o regato, até que, no fundo dele, descobriu o bordalinho. Fê-lo logo entrar para dentro de um frasquinho mágico, que o pequeno mergulhou na água para tal fim.

Então, a fadazinha, muito satisfeita, e, com um meigo sorriso de gratidão, disse-lhe:

(Continua na 2.ª pág.)

## O BORDALINHO BRANCO

(Continuação)

—Raulzinho, esse frasco e o bordalinho que ele contém, serão para ti. Tens nêles a tua fortuna.

Quando vires o peixinho todo branco, como me encontraste esta manhã, na fonte, pede-lhe o que desejares, que nunca deixarás de ser atendido.

Raul ficou contentíssimo. E, como não tivesse ainda arranjado o feixinho de lenha, a fada fez aparecer um, por meio de palavras mágicas, e, ofereceu-lho, dizendo:

—Raulzinho, vai já para casa, que tua mãe deve estar em cuidados.

Ele, então, pôs o feixe de lenha sobre a cabeça, e, des-

pedindo-se agradecidamente da fada, partiu para a aldeia. Quando lá chegou era noiteinha.

O pequeno, depois de ceiar, foi deitar-se. Porém, não conseguiu dormir. Pensava que o bordalinho morreria de frio, devido à neve caindo sem cessar.

De manhã, muito cedo, já Raul permanecia ao pé do bordalito.

—Mas, que água tão fria, santo Deus! — exclamou ele, — tirando o peixinho do frasco, para aquecê-lo. Depois de estar bem quente, tornou a pô-lo na água. Entanto, o bordalinho morreu!

F I M

EXCERTO do  
Grande Auto ou Mistério

# S. João subiu ao trono...

::::: por CARLOS AMARO :::::  
e que SARAH AFONSO ilustrou

A esta obra nos referiremos no próximo número, recomendando-a, desde já, aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum!»

**M**A Montanha, ao cair da tarde. Cavada na rocha, uma neura e funda cova, ao pé da qual se ergue uma velha macteira. Mais adiante, uma fonte rustica de que se ouve o murmurio da agua. Junto á fonte estão raparigas d'aldeia enchendo os cantaros. Passa um pastor, tocando pifaro, com seu rebanho de ovelhas. E' a hora da volta do trabalho. Ouve-se ao longe uma canção de cavadores, que de enxada ao ombro se veem aproximando. Ao verem as raparigas na fonte, param, poisando as enxadas. E, enquanto os outros fazem coro, um deles canta:

Do sol nado até sol pôsto  
Cavei terra todo o dia,  
Vem limpar-me o suor do rosto  
Com teu lencinho, Maria,

UMA RAPARIGA que responde:

Cavando nem vês a mágoa  
Que este meu peito consome,  
Dou-te o lenço e a bilha d'água  
Se me deres o teu nome,

O CAVADOR

O meu nome não val'nada  
Nem eu cá o sei 'screver,  
Só tenho o braço e a enxada  
Para dar a uma mulher,

A RAPARIGA

Não me faltês, que eu não falto  
Ao sagrado juramento,  
Quando erguer's a enxada ao alto  
Põe em mim o pensamento,

As raparigas dão-lhes a água. Elles bebem e seguem cantando. E elas seguem depois, cantando aos ombros. Montada na sua burrica, entre bilhas de lata nova, passa uma leiteira.

LEITEIRA

Anda, burra, mexe os pés,  
Que o meu homem quer ceiar;  
— Arre, burra!  
Bem mais burra que tu és,  
Fui eu burra em me casar.

— Arre, burra!  
Leiteira e burra — é destino!  
Servem-te as bilhas de enfeito,  
— Arre, burra!  
Eu só tenho o meu menino,  
Todo branquinho de leite,  
— Arre, burra!...

Pouco a pouco a Noite foi cobrindo a Montanha. Começa no escuro a dança luminosa dos pirilampos. Um grande Mocho vem poisar no alto da rocha, por cima da negra cova. Pia



tristemente, e outros pios lhe respondem de longe em longe.

Mão direita no punho da espada, passo a passo, como quem espreguiça o inimigo, surge Dom Jagodes, o Cavaleiro Vermelho. Seguindo-o em fila, imitando-lhe os movimentos, três outros Cavaleiros Vermelhos, seus irmãos d'armas, avançam para a Cova.

DOM JAGODES, para os companheiros:

Olhai bem estes bigodes!  
Olhai bem esta peitaca!  
E vede se em força e graça  
Excede alguém Dom Jagodes,  
Perfeito tipo de raça!  
Minha heróica durindana,  
Vais, ó bruxa, conhecer;  
A's minhas mãos vais morrer,  
Sou Jagodes duma cana,  
Que o mundo faço tremer!  
Sou Jagodes fero e amante,  
Com pêlos no coração,  
Sou Dom Jagodês gigante!

Descalça a luva, e lança-a em desafio contra os rochedos

— Ai tens o meu guante,  
Ergue-o, se podes, do chão!

De dentro da Cova começa a sair a Velha da Montanha: É imensa, com um coração horrível, cuja vista mete medo. Traz na mão direita uma vassoira enorme, e a mão esquerda puzo por grossos cordões com que abre e fecha a boca de enormes dentes e os olhos que deitam lume.

FELHA

Uh! que t'arranco uma orelha,  
Jagodes Parlapatão!

OS TRES COMPANHEIROS, tremendo  
como varas verdes

A Velha Furrunfunfelha!

FELHA

Ponho-te o corpo em salmoira,  
Que te dou com a vassoira...

Por detrás das rochas, dos arbustos e da fonte, aparecem, escondem-se e roçam a aparecer, todos a rir, muitos



pequenos, com carapuçinhos, de grandes barbas verdes e outros de barbas brancas,

OS ANÓEZINHOS DA MONTANHA, a gritar, a gritar:

Mata a Velha! Mata a Velha!

Dom Jagodes puzo logo da espada, mas só consegue desembainhar até metade do ferro. Por mais que nure e repuze, ela não sai mais da bainha! Os anóezinhos cada vez ficam e gritam mais: Mata a velha! Mata a velha! Até que esta atrá a cabeça do Cavaleiro uma tremenda vassotrada!

DOM JAGODES, cambaleia e, por fim, tomba, com estas solenes palavras

Ai, Velha Furrun... fun... felha!

## PARA OS MENINOS COLORIREM



# A MONTANHA DE CRISTAL

POR LIDIA RODRIGUES LOURENÇO

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ANTÔNIO era um pastor!... Todas as madrugadas vinha ele guardar o seu rebanho, sempre alegre e bem disposto. Era o moço, mais valente e garboso da aldeia; era por todos conhecido e estimado, e todas as pastorinhas lhe davam sempre um terno sorriso em resposta aos seus galanteios.

Ora, uma manhã, estava Antonio no alto dum monte, guardando o seu rebanho quando, encostando-se ao seu cajado, adormeceu profundamente. Eis o que sonhou:

«Encontrava-se no monte, junto do seu rebanho, quando ouviu chorar convulsivamente. Dum salto correu ao sítio, donde lhe parecera ouvir o choro, e viu uma linda menina,

ricamente vestida, sentada numa pedra e com o rosto encoberto entre as mãos. Ouvindo, porém, passos, levantou-se bruscamente e, lançando um olhar de súplica ao moço pastor, gritou-lhe:

— Salva-me, salva-me!

Antonio estava petrificado de espanto e, antes que tivesse tempo de responder, a jovem desapareceu, arrebatada por um enorme corvo, que a levava no bico terrível e horroroso.

O pobre pastor, admirado do que via, ainda quiz correr, mas as pernas recusavam-se-lhe a andar. Estava como que pregado ao solo, mas gritou com toda a força dos seus pulmões: «Tem esperança e fé, que te hei-de salvar».

Nisto acordou. As fontes latejavam-lhe e o coração pulsava-lhe violentamente. Que horrível pesadelo tivera! e como era linda a jovem com quem sonhara.

Quem seria? Pois, decerto, aquela beleza existia, e parecia-lhe ter ainda nos ouvidos a súplica saída dos seus lábios:





—Salva-me, salva-me!

Era porque corria perigo, e esta idéa não lhe saiu mais do pensamento.

Quando reparou, porém, já o sol doirava o monte e apressou-se a recolher com as suas ovelhinhas.

Na madrugada seguinte, quando saiu com o seu rebanho, ia um pouco triste. Enquanto as ovelhas pastavam alegremente, as ervas tenrinhas, Antonio, sentado sobre uma pedra, com os olhos semi-cerrados, revia o pesadêlo, que tanto o atormentava. Revia a jovem linda, com os cabelos, loiros e curtos, a contrastar com os seus olhos negros como dois diamantes.

—Prometi que a salvaria e hei-de salvá-la,—disse, então, entre dentes.

Mal pronunciara estas palavras, ouviu uma risada irónica. Voltou-se bruscamente. Um corvo enorme como aquele que lhe aparecera em sonhos, estava poisado numa pedra mais adiante dêle.

—Se te atreveres a cumprir o que disseste, experimentarás as minhas garras, reles pastor,—e, dizendo isto, levantou as ásas negras e desapareceu nos ares.

O pobre pastor via agora que era bem verdadeiro o sonho que tivera. «Ela corria perigo, devia salvá-la. Mas como?! Pois nem sequer sabia o seu nome. O desalento começava a invadi-lo, quando uma leve borboleta, verde como o mar, voltejou em seu redor. Olhou-a vagamente, e, de repente, num ar anco de fé, murmurou:

—Linda borboleta, virás tu, com a tua côr, dar-me a esperança que me falta? Sinto-me mais vigoroso desde que te vi, mas... como hei-de começar?!

Como respondendo à sua pergunta, a borboleta foi poi-

sar na mesma pedra onde o corvo estivera, batendo as suas levíssimas ásas, transformou-se numa linda fada, toda vestida de verde, com uma corôa de esmeraldas sobre os cabelos, que mais pareciam um manto roçagando o chão. Segurava nas suas pequeninas mãos, uma minúscula varinha de esmeraldas.

—Dize-me o que queres, que talvez eu te possa valer.

—Quem sois?—preguntou o môço pastor, admirado daquela aparição.

A fada sorriu docemente:

—Ainda não adivinhaste quem sou?! Sou a fada da «Esperança», aquela que nos consola nas horas mais doces e tristes da nossa vida. Nunca se deve desesperar, pois que a fada da «Esperança», guia e ajuda sempre aqueles que nela confiam.

Antonio ia contar o sonho que tivera, mas a fada interrompeu-o.

—E' inútil contares-me o teu sonho, e o que se passou, porque tudo sei; sómente, te pergunto: O que pensas fazer?!

Antonio, quando isto ouviu, disse logo:

—Boa fada, eu penso em procurar essa desconhecida, da qual jámais me poderei esquecer, e salvá-la, pois adivinho que corre sério perigo. Mas, como hei-de eu saber quem é ela e onde está?! Nem sequer sei o seu nome!

A fada sorriu, e, batendo com a sua varinha, logo appareceu um cavalete, pinceis e uma tela, emfim, o indispensavel a bom um pintor.

—Agora,—disse a fada,—creio que já sabes por onde começar. E, depois, parte, parte para longe da tua terra, que, aqui, nada poderás fazer; que eu guiarei os teus passos e

velarei por ti. Toma este pequenino junco, quando te vires aflito, atira parte d'ele ao chão, que terás o que desejas. Mas, desde já te previno que, só poderás obter tres coisas.

E, depois disto dizer, desapareceu, e viu-se então, esvoaçando, uma borboleta côr da esperança.

O pastor sentou-se e afanosamente começou a sua obra. Quanto tempo levaria não saberia talvez dizer, quando largou, porém, os pinceis já o sol se tinha escondido no horizonte. Pegou na tela que pintára e com o seu rebanho recolheu a casa, com os olhos brilhantes de felicidade, e o mesmo sorriso alegre de outrora. Depois de guardar as ovelhinhas e de mal comer umas sopas, recolheu ao seu quarto. Mas o sono não lhe chegava. Quando tudo era silêncio em seu redor, abriu outra vez a tela e admirou o quadro que fizera. Que obra de arte aquela tela continha, pois reproduzia fielmente a jovem do seu sonho. Nela se via o corvo entendendo as suas ásas sobre a sua gracil cabeça. Depois de haver contemplado à luz pálida da lua o rosto da desconhecida, embrulhou a sua roupa, e levando algum dinheiro partiu, não sem deixar de escrever uma carta a sua mãe.

Assim caminhou dias e dias. Atravessou aldeias, cidades e florestas. A toda a gente mostrava o quadro perguntando se conheciam aquela menina. Mas ninguém, ninguém conhecia a formosa jovem. Depois de muito andar, foi ter a uma floresta. Avistava muito ao longe já uma cidade, quando parou para descansar um pouco e comer a sua frugal merenda.

Estava tão absorvido nos seus pensamentos que nem deu por uns passos que se aproximavam. Só o despertou uma voz que lhe disse — Deus te salve, juvenil moço. Levantou, então, a cabeça e viu na sua frente uma velha com um feixe de lenha á cabeça. — Bom dia, boa mulherzinha, lhe respondeu. Queres que te ajude?

— Será um favôr que me fazes, pois vou muito cansada, tornou a velha. António levantou-se e ajudou-a a pôr no chão o molho de lenha. Esta sentiu-se mais aliviada, e elle então perguntou-lhe, mostrando o retrato, (a sua reliquia),

— Acaso conheces alguma menina que se pareça com esta?

— Quem a não conhece? respondeu a boa mulher, é a princesa Lina que habita aquella cidade, que daqui se avista. Quantos cavaleiros hoje tem passado a caminho de lá, para disputar a sua mão.

— Também p'ra lá vais?

— Vou sim, e parto já para chegar a tempo, respondeu resolutô.

— Então houve o meu conselho, continuou a velha, não duvido da tua valentia mas não sei se sabes que a princesa está no cimo da Montanha de Cristal, e que esta é tão íngreme que é impossível chegar-se lá; que no alto, junto á

princesa, está um corvo pronto a despedaçar quem dela se aproxime. Seu pai dá a sua mão, ou metade das suas riquezas, se da sua mão não fôr digno, áquele que consegue subir à Montanha de Cristal e traga a princesa, pois o corvo que a guarda creio que é um génio muito seu inimigo que quere casar com ela. Disse à princesa Lina que a queria por esposa, mas que antes lhe concederia uma qualquer cousa que lhe pedisse. Ela impôz a condição. Que todos os cavaleiros do mundo a fossem disputar, ao que fôsse mais digno concederia a sua mão. Mas o génio impôz por sua vez, que embora cedesse ao seu pedido, a poria na Montanha de Cristal, e se algum cavaleiro lá conseguisse chegar, renunciaria á sua mão. A princesa cedeu, mas chora que se mata, pois quem poderá conseguir subir à terrível montanha? Seu pai, para mais os encorajar, prometeu imensas riquezas, a quem lhe livre a filha de tão terrível possuidor. Vieram cavaleiros e príncipes de todos os paizes, e outros que o não são, pois hoje é que se realiza o torneio. Por isso te digo que desistas. Deve ser impossível, salvar Lina.

— Não, (disse António) agora, mais do que nunca, tentarei salvá-la, não pelas riquezas do rei, mas porque vejo que será infeliz. Depois desta conversa a velha despediu-se e partiu com o feixe de lenha á cabeça. António, mal a viu desaparecer, tirou da algibeira o junco que lhe dera a fada da Esperança e, atirando com parte d'ele ao chão, disse:

— Pelo poder da fada da Esperança faz-me aqui aparecer tudo, para que eu possa ir ao torneio. Imediatamente o junco desapareceu e em seu lugar appareceu um lindo cavallo branco, com os arreios de ouro e prata, um fato do mesmo tecido e tudo o mais para ser um perfeito cavaleiro. António montou logo no corcel, depois de mudar as suas roupas por aquelas ricas vestes. Estava soberbo de elegância; ninguém diria que aquelle esbelto cavaleiro, que tão bem montava na sela, era um simples pastôr. Partiu a galope e entrou na cidade. Quando lá chegou soube logo, por vagas indagações, onde era a Montanha de Cristal. Para lá se dirigiu. Lá estavam os reis sentados, com toda a sua côrte. O rei apertava a cabeça entre as mãos e murmurava:

— Minha pobre filha, ninguém te salvará das mãos d'esse miseravel, enquanto a rainha sua esposa chorava, olhando os esforços desesperados que os cavaleiros faziam para escalar a montanha. Os cavalos, mal subiam dois passos, escorregavam logo. António esporeou o seu e atirando metade do junco, murmurou:

— Em nome da fada da Esperança, faz-me que eu consiga subir a montanha. Ante os olhos espantados de todos, o cavallo deu uma reviravolta e, subindo velozmente a

(Continua na página 8).

## HORA DE RECREIO

### UM BANCO

Hoje vamos fazer um banquinho para a mana mais nova, ou para a avózinha pôr os pés.

— Tábuas, um serrote pregos... e paciencia.

Observando as gravuras não será difficil fazer um equal.

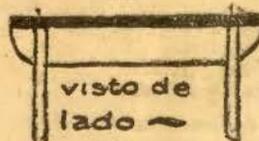
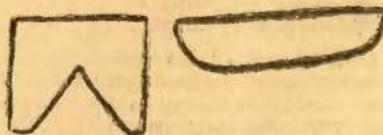
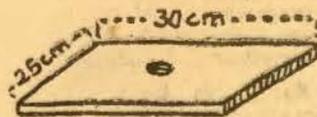
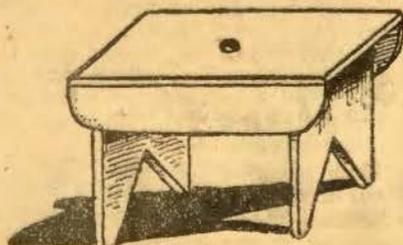
A madeira deverá ter 10 a 15 milímetros de espessura.

Depois de feito, raspam-se as arestas com um bocado de vidro á falta de plaina, dá-se com lixa nas partes planas e finalmente com uma pequena demão de tinta ou mesmo sem ela, fica feita a obra de arte...

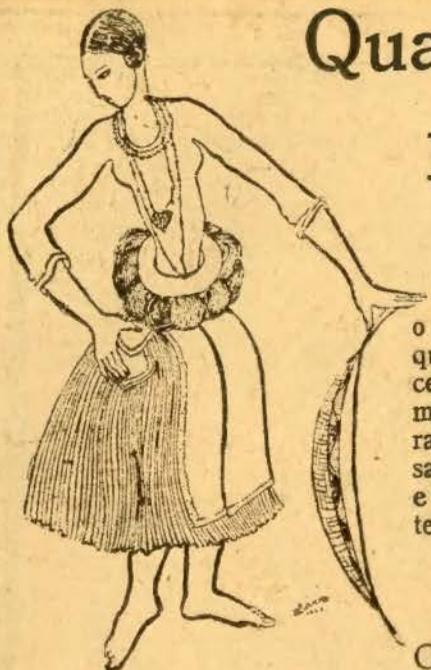
Peçam coisas, que vos atenderá sempre o

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

TIOTÓNIO



# Quadras populares portuguêsas



Conforme prometemos, damos hoje o resultado do nosso concurso de quadras populares, que tão bem sucedido foi, publicando quatro das mais classificadas poesias que serviram de glosa aos motes que, num desafio ao estro popular, aqui lançamos e a que concorreram centenas de vates de ambos os sexos.



## Primeira classificação

Conferida a D. Maria Tereza  
Alves d'Oliveira, de Lisboa

### VARINA

*As damas da fidalguia  
Usam perfumes de preço!...  
— O meu é de marezia,  
Que é o melhor que eu conheço.*

*É dura a minha peleja  
Pelo pão de cada dia,  
Mas não me fazem inveja  
As damas da fidalguia.*

*Cheiro a peixe, andando descalça,  
E as «madamas» que eu conheço,  
P'ra arranjamem «Pés de Salsa»,  
Usam perfumes de preço...*

*Mas quantos desses perfumes  
Não veem da droguaria?!  
— Eu não tenho esses costumes;  
O meu é de marezia!*

*Um perfume que não preste  
Comprem pois, por alto preço...  
Eu hei-de sempre usar este;  
Que é o melhor que eu conheço!*

### A VENDEDEIRA DOS TREMOÇOS

*Quem quer tremoços dos belos  
A mei'tostão salamim?!  
Venho agora de vendê-los  
Em casa da mãe do Pim.*

*Com cara de lambisgoia  
E arrastando os chinelos,  
Gritava a Rita saloia:  
Quem quer tremoços dos belos?!  
— Pst! Pst!... Volte a traz! —  
Berra da janela o Pim.  
— Por quanto vende os que traz?  
— A mei'tostão salamim!*

*Pim comprou tudo, e a Rita  
Foi-se, arrastando o chinelo;  
Toda ufana ainda grita:  
— Venho agora de vendê-los...  
E aos velhinhos mais aos moços  
Que a chamam, explica, enfim,  
Que todos comem tremoços  
Em casa da mãe do Pim.*

## Segunda classificação — Conferida ao Dr. Antonio Navarro, de Coimbra

*As damas da fidalguia  
usam perfumes de preço;  
— o meu é de maresia  
que é o melhor que conheço.*

*Beira Mar!... és a bacia  
onde eu me vou pentear...  
As damas da fidalguia  
só podem ir ao «Gesar».*

*Usam perfumes de preço  
mas os meus também o são;  
ao cambio do mar os peço  
p'r'os vender ao quarteirão.*

*Os vossos, Coty ou Astra,  
vem da perfumaria;  
— o meu é de maresia,  
anda sempre na canastra.*

*O perfume da Sardinha  
que é o melhor que conheço  
s'entra na casa pobrinha  
deixa o pão de ser recésso.*

*Quem quer tremoços dos belos  
A mei'tostão salamim?!  
Venho agora de vendê-los  
em casa da mãe do Pim!...*

*Quem quer tremoços dos belos;  
ai que apetece comê-los,  
tão lindos e amarelos  
do loiro dos teus cabelos!...*

*A mei'tostão salamim,  
não ha nada mais barato!  
E' fino manjar no prato  
em casa da mãe do Pim.*

*Venho agora de vendê-los  
e lá deixei dois mais um  
Salamim p'r'ó Pim mais Pim  
que se pintam por comê-los!*



montanha, encontrou-se no cume onde a princesa Lina estava sentada, com os olhos fixos no jovem cavaleiro. Ei-lo que chega, e vai para tomá-la nos braços, quando o corvo, com os olhos injectados de sangue, estendeu as suas garras para o despedaçar. A princesa deu um grito e caiu desmaiada. António, porém, atirou rapidamente com o último pedaço de junco ao corvo e este imediatamente tombou morto. Então, pegando na princesa, desceu novamente a montanha e depôs junto do rei o corpo inerte de Lina. O espanto era geral. Os proprios cavaleiros olhavam, num mixto de despeito e admiração, aquele brilhante cavaleiro que conseguira subir a Montanha de Cristal.

O rei estava contentíssimo, mas quando soube que aquele cavaleiro era um simples pastôr, a sua alegria esfriou um pouco, e disse — «Prometi a mão de minha filha, se aquele que a salvasse fosse de sangue real como ela mas embora tu sejas corajoso e valente, não és da realza. No entanto dou-te três partes da minha riqueza, e se o exigires dar-ta-hei toda». Quando acabou de dizer isto, Lina, recobrava os sentidos e, dirigindo-se ao joven pastôr, disse: «Eis a minha mão, só dela és merecedor; esperava-te há tanto tempo!!!...» — «Que fazes, Lina, replicou o rei, acaso queres unir o teu destino, a um simples pastôr?» — «Simple pastôr sim, tornou Lina, mas uma alma de artista». Todos os assistentes se entreolharam. «Que queriam dizer as palavras da princesa? Ela, porém, levantando-se no seu passo leve e gracioso, saiu e tornou com um quadro que mostrou ao rei, seu pai, dizendo-lhe: — «Ao autôr deste quadro recusarás a minha mão?» — «Como o poderia fazer, se é a obra mais linda e bela que os meus olhos teem visto? Concedê-la-hia até

de boa vontade». Então, Lina, sorrindo triunfante, exclamou — «Meu pai, então não tens mais do que casar-nos!» O rei compreendendo, concedeu desde logo a mão de sua filha. Que importava pois que elle fôsse pastôr se era um verdadeiro artista? Sua filha tinha razão, no entanto quiz saber como o soubera a princeza e como o quadro se encontrava em seu poder, o que admirou também bastante o proprio António: A joven princeza contou então, o que se havia passado. «— Encontrava-me na «Montanha de Cristal», pensando na minha triste sorte, quando ouvi uma voz, muito doce, dizer-me — «Tem fé, tem esperança que alguém te salvará». Olhei, mas ninguém vi. Vòmente uma tênue borboleta verde redopiava no ar. E depois, não sei bem; mas um dia o cansasso e tristeza adormeceram-me, vi, então um, um jovem que me vinha salvar, com o meu retrato na sua mão beijando-o loucamente. E a mesma voz, me disse — «Princesa, é esse o teu noivo; o homem que tudo sacrificou por ti, um verdadeiro artista». Acordei, e começou logo a prova dos cavaleiros para me disputarem. Finalmente salvou-me, o homem que vi em sonhos, uma forte inspiração me fez ir buscar este quadro que não sabia estar tão perto, e eis tudo», terminou, sorrindo, a linda princeza. Antonio contou o seu sonho, e tudo o que se havia passado. — «E agora que todo o mal está passado viveremos só para a nossa felicidade, não é verdade, querida princeza», disse cheio de alegria o antigo pastôr. Ante o sorriso puro e belo da princezinha, um tênue zumbido se ouviu. Era uma linda borboleta verde que vinha anunciar uma vida feliz que duraria eternamente. Casaram, e, depois de mandarem buscar para o palácio a mão de Antonio, viveram longos e felizes annos.